

Desinformação faz as tribos discriminarem índios com Aids

Comunidades induzem incapazes para trabalho ao suicídio

José Luís da Conceição

George Alonso

Enviado especial

• LONDRINA (PR), CAMPO GRANDE (MS) E CUIABÁ (MT). O avanço da Aids nas comunidades indígenas preocupa antropólogos, médicos e técnicos, sejam eles do Governo ou não, principalmente quanto à reação interna nas aldeias. O abandono, o isolamento e até mesmo o suicídio de portadores do vírus HIV são situações já vividas.

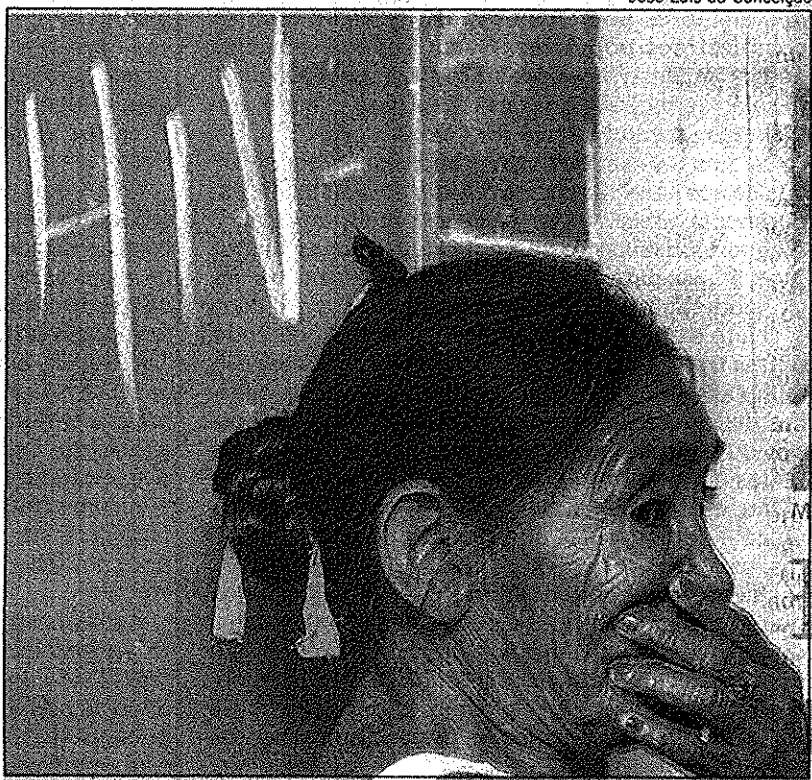
Embora apresentando dados estatísticos oficiais modestos de índios doentes com Aids, as cartilhas e os vídeos feitos recentemente pelo Governo, e que estão sendo distribuídos nas aldeias, acentuam a necessidade de não haver discriminação por parte dos outros indígenas.

— A discriminação na aldeia é a mesma que existe entre os brancos. A família não quer mais aceitar o parente. Houve um caso em que, após o óbito por Aids, os outros índios derrubaram a casa do índio infectado na aldeia — conta o enfermeiro Juscelino Polidório, que trabalha na Casa do Índio, em Campo Grande (MS), e no Hospital Universitário, que recebe pacientes indígenas para internação, nos casos graves, vindos de todo o estado.

Estratégia de abordagem é delicada por causa do sexo

A antropóloga e médica sanitária Sofia Machado de Mendonça, da Unidade de Saúde e Meio Ambiente da Universidade de São Paulo, que realiza trabalho preventivo de saúde no Parque do Xingu (MT), alerta ainda para o perigo do aumento do estigma em relação ao índio. Sobre a reação dos próprios índios, ela explica que é preciso cuidado na estratégia de abordagem, já que a Aids é tema ligado à sexualidade.

— O que você acha que pode acontecer no caso de haver epidemia numa aldeia? O mesmo que



ÍNDIA KAINGANG em palestra sobre doenças sexualmente transmissíveis

acontece entre os brancos. É preciso compreender as percepções e os valores dos índios, para evitar reações graves — diz ela, referindo-se à possibilidade de isolamento e até mortes induzidas pelas próprias comunidades.

Por exemplo, os tikuna, na Amazônia (Médio Solimões), entre os quais o índice de suicídio é significativo, revelaram dificuldade em aceitar a Aids no grupo, durante palestra de prevenção. Disseram que se algum deles fosse contaminado, ele deveria ser morto. Na cultura tikuna, quando alguém não tem condições de exercer funções na sociedade, é induzido ao suicídio. No ano passado, uma índia dessa etnia, com 20 anos, doente de Aids, se suicidou em Manaus.

Por isso, o sigilo — ou a cautela do Governo — tem justificativa, afirma Valdir Evangelista Araújo, chefe do Serviço de Assistência do posto da Funai em Amambai (MS).

— A gente desconfia que alguns casos de pneumonia, em consequência da tuberculose, podem ser casos de Aids. Mas esse trabalho é mantido em sigilo pelo Governo, porque isso poderia gerar mais suicídios aqui — supõe.

A região onde Araújo trabalha, povoada pelos guarani-kaiowá, é conhecida também no país pela alta incidência de suicídio.

Jean Langdon, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, lembra que a Aids não existe como realidade para muitas comunidades indígenas. Em um artigo, diz que “o discurso biológico e objetivo é insuficiente para transmitir a gravidade e a realidade da Aids”.

As palestras nas aldeias têm revelado enormes dificuldades da ação preventiva. Há resistência a usar camisinha, palavra que nas cartilhas já aparece traduzida para algumas etnias, como os kaingang (gre-pã), os terena (kali repenóti) e os guarani (kamisa-i).

Liberdade sexual de alguns povos é um complicador

Outra dificuldade é a tradicional rejeição à interferência branca

• LONDRINA (PR), CAMPO GRANDE (MS) E CUIABÁ (MT). A prevenção da Aids entre os índios é complicada por fatores culturais. Os tucanos, na fronteira com a Colômbia, intensificam as relações sexuais com mulheres grávidas porque acreditam que o sêmen nutre o feto, fortalecendo os ossos. Os casais xoklêng trocam parceiros sem demonstrar o ciúme da cultura ocidental. Em outro grupo, mulheres grávidas podem ter amantes, que são reconhecidos como o segundo pai e importante na formação da criança.

No Alto Rio Negro, houve dificuldade para explicar que Aids não é só doença de branco. No contato com os iwarete, foram ouvidas frases como "os brancos estão aprontando de novo com a gente". Naquela região da Amazônia, assim como em outras do país, os índios não discutem sexualidade em público.

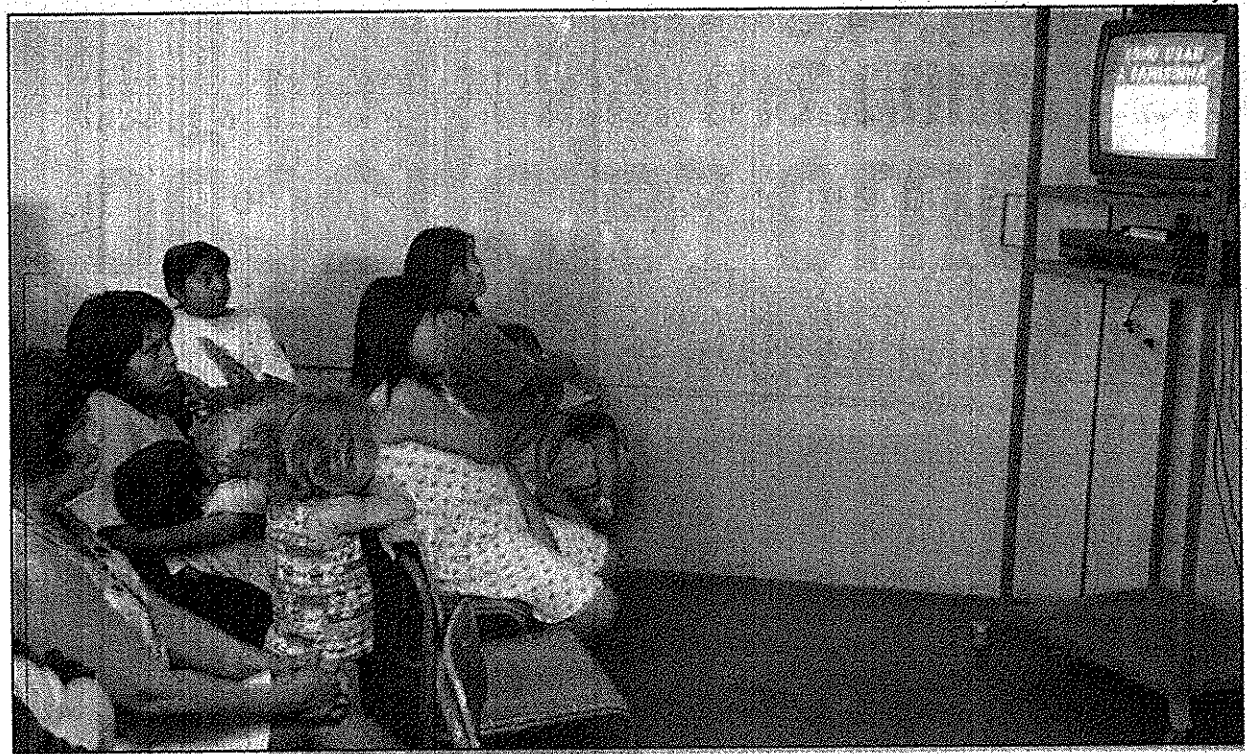
Tribos com população pequena rejeitam uso de preservativo.

Outro problema é conciliar o desejo de ter filhos e o uso de preservativo, principalmente em etnias com população pequena. Há reação forte das lideranças indígenas, preocupadas na retomada do crescimento de seus povos.

A discriminação dos brancos é outro dilema. Houve aumento de preconceito quando foram divulgados, em 92, dois casos de Aids entre os kaingang da reserva de Laranjinha e outro entre os guarani de Barão de Antonina, no Norte do Paraná. Embora a lista do Governo só aponte esses casos, a Secretaria de Saúde do estado registrou mais seis. Problema semelhante ocorreu com os turyó no Amapá, onde dois índios morreram. O Governo fez exames e encontrou mais um caso. ■

AIDS ENTRE ÍNDIOS: Mulheres falam de sexo mais naturalmente

José Luis da Conceição



EM SÃO JERÔNIMO (PR), índios assistem a vídeo produzido pelo Governo sobre uso de camisinha nas relações sexuais

Exibição de vídeos detecta rejeição ao uso de camisinha

Reações vão de risos a expressões de estranheza e choque

• LONDRINA (PR), CAMPO GRANDE (MS) E CUIABÁ (MT). Risos, silêncio e expressões de estranheza e choque. Essas são algumas das reações dos índios que assistem aos dois vídeos feitos pelo Ministério da Saúde para tentar explicar a Aids. Imagens com os próprios índios falando da doença conseguem prender a atenção. As risadas, comedidas e seguidas de troca de olhares marotos, partem dos mais jovens, quando é ensinada a forma de usar a camisinha, com imagens do pênis e desenhos animados de uma relação sexual. Os mais velhos ficam atentos, calados. Pelo menos foi isso que aconteceu, no fim de maio, na primeira exibição na reserva kaingang

de Apucarantina, perto de Londrina (PR). Cerca de cem índios, principalmente mulheres, viram a sessão. Havia muitas crianças e um menor número de homens e idosos. Segundo Marlene de Oliveira, funcionária da Prefeitura, que tem um programa assistencial especial dirigido aos índios, há mais facilidade de falar sobre sexualidade entre as mulheres. — Entre eles, não há como fazer usar camisinha — afirma Gilmar Ferreira, chefe do posto da Funai na reserva kaingang de São Jerônimo, no Norte do Paraná. Um dos vídeos exibidos tinha dois capítulos com oito e 16 minutos. Falam da vulnerabilidade da comunidade indígena diante da Aids, das doenças sexualmen-

te transmissíveis (DST), sobre a forma como a Aids se propaga e como preveni-la. Durante a sessão, a atenção teve seu pico no segundo vídeo, que tem três capítulos com 38 minutos. Os kaingang ficaram em silêncio. Alguns se mostraram assustados ao verem doente de Aids uma índia tiryó, cuja aldeia fica na Serra do Tumucumaque, no Extremo Norte do Pará. A jovem índia, que aparece com o rosto desfocado, conta sua convivência com a doença. Em outra parte do vídeo é relatado o impacto que a Aids teve numa aldeia waiápi. No fim ficaram acertadas novas sessões — uma só para mulheres e outra para homens — com debate. ■